

ANÁLISE DIALÓGICA DE DISCURSO: A LEITURA DE UM ARQUEOGENEALOGISTA

Pedro Anácio Camarano¹

Resumo: A Análise do Discurso (AD) é um campo da Linguística que não se limita ao estudo das estruturas de língua. Contudo, existem diferentes vertentes de análises discursivas, variando conforme noções teóricas e metodológicas. A Análise Dialógica de Discurso (ADD) é baseada nos postulados do Círculo de Bakhtin, a Arqueogenealogia é a AD feita a partir das premissas de Michel Foucault. Este ensaio objetiva demonstrar as aproximações e os distanciamentos entre essas duas vertentes. Para tal propósito, quatro questões são levantadas: o que é AD? Qual é a história da AD? Como a AD chegou ao Brasil? Como a ADD foi recebida por um arqueogenealogista? O percurso do texto é atravessado, inevitavelmente, pela AD concebida por Michel Pêcheux.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Análise Dialógica de Discurso; Arqueogenealogia; Michel Pêcheux.

DIALOGICAL DISCOURSE ANALYSIS: THE READING OF AN ARCHAEOGENEALOGIST

Abstract: Discourse Analysis (AD) is a field of Linguistics that is not limited to the study of language structures. However, there are different aspects of discursive analysis, varying according to theoretical and methodological notions. The Dialogic Discourse Analysis (ADD) is based on the postulates of the Bakhtin Circle, the Archaeogenealogy is the AD made from the premises of Michel Foucault. This essay aims to demonstrate the similarities and differences between these two approaches. For this purpose, four questions are raised: what is AD? What is the history of AD? How did AD arrive in Brazil? How was ADD received by an archaeogenealogist? The course of the text is crossed, inevitably, by AD conceived by Michel Pêcheux.

Keywords: Discourse Analysis; Dialogic Discourse Analysis; Archaeogenealogy; Michel Pêcheux.

¹ Doutorando em Letras pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro). E-mail: magopac@hotmail.com

Palavrinhos iniciais

Este ensaio realiza-se em uma interface reflexiva entre a diferenciação de duas vertentes de estudos discursivos no Brasil: a Análise do Discurso baseada nos postulados do filósofo Michel Foucault, também chamada de Arqueogenealogia, e a Análise Dialógica de Discurso (ADD)², que está ancorada no que se convenciou chamar no Brasil de Círculo de Bakhtin.

É importante destacar, logo de início, que o que é discursivizado nacionalmente como Círculo de Bakhtin diz respeito a um grupo de, pelo menos, oito intelectuais russos (incluindo mulheres) que se reuniram regularmente em Leningrado (atual São Petersburgo), uma das cidades mais importantes da Rússia. Os primeiros encontros de alguns desses pensadores ocorreram antes de 1920, em outra cidade russa, Nével, e também, até chegar a Leningrado, passou pela cidade de Vitebsk.

A existência desses círculos de acadêmicos que discutiam múltiplas questões fundamentava o principal conceito de Bakhtin, o dialogismo. Pois nesse círculo ninguém era proprietário de nenhuma das idéias que circulavam, todas elas eram frutos de diálogo, portanto tinham uma gênese comunitária. Talvez esteja relacionado com esse fato a intrigante questão das obras dos membros do círculo que tem sua autoria questionada (ALESSANDRO, 2022, p.1).

Em contexto editorial, a teoria publicada do Círculo de Bakhtin dá crédito autoral a somente três integrantes do grupo: Pável Medviédév (1892-1938), Valentin Voloshinov

2 O ensaio é resultado de uma disciplina, ministrada pela Profa. Dra. Cristiane Malinoski, no segundo semestre de 2022, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), na qual tive a oportunidade de conhecer de forma mais hermética a chamada ADD.

(1895-1936) e Mikhail Bakhtin (1895-1975), e mesmo assim, há embaraçosas polêmicas sobre o verdadeiro autor de determinados livros.

No que tange à AD foucaultina, é interessante observar que seu desenvolvimento no Brasil é atravessado por um diálogo com a AD criada por Michel Pêcheux.

O que é Análise do Discurso?

Quando se fala em AD, a primeira coisa que se tem que ter em mente é que essa expressão refere-se, em primeiro plano, a uma metodologia de análise que pode ser aplicada nas mais diversas áreas de pesquisa. A AD resulta da intersecção de reflexões de várias esferas do conhecimento (História, Filosofia, Psicologia, Sociologia, Literatura), mas é efetivamente descrita e explicada dentro de uma ciência específica: a Linguística. Contudo, essa prática se distancia de análises puramente gramaticais, explorando elementos extralinguísticos, buscando identificar como as relações de poder estabelecidas em sociedades e momentos históricos específicos interferem na construção dos sentidos de materiais simbólicos.

Piovezani (2022, p.1) explica que a partir da segunda metade do século passado, a noção de discurso “passa a frequentar cada vez mais intensamente muitas áreas dos estudos linguísticos, tais como: teorias da enunciação, análises da conversação e múltiplas abordagens interacionistas, pragmáticas e textuais”. Isso nos leva a entender que a noção de discurso é utilizada em várias áreas dos estudos linguísticos quando estas “têm por fundamento comum uma crítica à linguística da língua e um desejo de estudar os fatos de fala: a produção de enunciados por locutores na situação real de comunicação” (Paveuau, 2006, p.173).

Piovezani (2022, p.1) esclarece também que, embora a AD possa se assemelhar

a essas disciplinas linguísticas, distingue-se delas principalmente por uma razão: “ela apenas se interessa por objetos empíricos, tais como textos e enunciados, na medida em que são uma via de acesso aos discursos, que efetivamente consistem em seu objeto”.

E o que seria o discurso? O discurso é compreendido como regras anônimas e históricas, que movem a sociedade, constituindo

o que pensamos e o que fazemos, o que falamos e o que sentimos. Isso porque o discurso controla o que se diz e as maneiras de dizer e ainda produz os sentidos das coisas ditas e os sentimentos partilhados por classes, grupos e sujeitos de uma sociedade (PIOVEZANI, 2022, p.1).

Logo, a AD é um modo singular de pensar na Língua, um modo de pensar que entende o discurso como centro de atenção e que, por meio de sua materialização (o enunciado em suas múltiplas manifestações), pode-se apreender as representações culturalmente construídas, capazes de constituir saberes, ideologias, modos de governar, verdades, subjetividades e resistências.

A expressão Análise do Discurso, entretanto, abarca um conjunto de empreendimentos científicos, de diferentes ordens teóricas e metodológicas. Em vista disso, Orlandi (2005, p.1) diz que a diversidade subjacente às várias disciplinas e vertentes oscila tanto em relação aos modos de abordagem, “quanto às tradições intelectuais definidas geograficamente (análise do discurso francesa, brasileira, mexicana, anglo-saxã etc.)”. Olhando por esse lado, a AD é, ao mesmo tempo, uma teoria e um método, permitidores da interpretação de textos orais, escritos e/ou multimodais nas suas relações com os sentidos circulantes na sociedade.

Levando em consideração as diversas formas de nomear e de se praticar a análise

de discursos (tais como a ADD, Arqueogenealogia, AD pecheutiana, Análise Crítica do Discurso, Análise de Discursos Comparativa, etc.) é possível falar em análises do discurso, mecanismos teórico-metodológicos diversos, porém sempre atrelados à Linguística, capazes de levar à compreensão de como as ideologias se materializam na linguagem, exercendo influência nos modos de pensar, ser e expressar-se.

Histórico da AD

Segundo Charaudeau e Mangueneau (2002, p.41), é muito difícil traçar a história da AD, “pois não se pode fazê-la depender de um ato fundador, já que ela resulta, ao mesmo tempo, da convergência de correntes recentes e da renovação de práticas de estudos muito antigos”. Por isso, Paveau (2006, p.202) diz que querer fazer a história da AD é uma tarefa muito complexa, visto que “ela nasceu de encontros e de evoluções, que foram produzidos em contextos epistemológicos e ideológicos particulares”.

Um linguista que teve papel importante na emergência da AD é o francês Émile Benveniste (1902-1976). Sobre o discurso, este autor escreveu em Problemas de Linguística Geral: “Observar-se-á sobretudo, porém, que todo o trabalho do linguista se apóia realmente sobre o discurso, implicitamente assimilado à língua” (BENVENISTE, 1976, p.11).

Fiorin (2017b) ensina que Benveniste formula uma teoria da enunciação, que a concebe como uma instância de mediação entre a língua e a fala. Essa instância seria o ato de por a língua em funcionamento. “Assim, ele cria um novo objeto para a linguística: o discurso. Até então, a maior unidade de que se ocupava a linguística era o período. O discurso é a produção social da linguagem” (Fiorin, 2017b, p.973).

Indursky (2006) escreve que para Benveniste, passa-se da frase para a enunciação, que envolve alguns elementos externos:

Esse locutor está necessariamente situado em um contexto de situação que determina o tempo da enunciação (agora) e o espaço da enunciação (aqui), ou seja, a enunciação supõe sempre os interlocutores e está datada e situada no espaço. Com tais características, podemos perceber que a enunciação é bastante fugaz, pontual, mas pode ser examinada através de seu produto, o enunciado, que, em meu entendimento, carrega indelevelmente as marcas de sua enunciação. (...) A Teoria da Enunciação permite-nos ultrapassar os limites internos ao texto, pois ela convoca o contexto situacional em que o locutor está inscrito ao produzir o texto, bem como leva em contra também o interlocutor (INDURSKY, 2006, p.53).

Entretanto, Flores e Endruweit (2012) demonstram que em Benveniste o termo discurso é ambíguo, podendo ser entendido, inclusive, como sinônimo de enunciado.

Por outro lado, conforme ensina Paveau (2006), anterior a Benveniste, há o Círculo de Bakhtin, para quem a concepção de linguagem é interativa e implica considerar a enunciação.

Para ele um signo não existe senão em seu funcionamento social, a materialidade e a idealidade de um todo. Ele não distingue o enunciado e sua enunciação, trata-se para ele de um único e mesmo dado, “o enunciado-enunciação”, que é uma “forma-sentido”. Cada forma é portadora de sentido e esse sentido é proveniente de uma produção social. Nem sistema abstrato, nem expressão individual, a linguagem humana pode apenas ser compreendida se ancorada na dimensão social de sua origem (PAVEAU, 2006, p.175).

Contudo, pode-se, por assim dizer, que é o linguista americano Zellig Harris (1909-1992) quem está na gênese dos estudos

discursivos. De acordo com Paveau (2006), a expressão *discourse analysis* foi criada por ele em 1952. Porém, como explica Faraço (2003, p.248), a AD não seria para Harris um novo método, mas a expansão “do velho método a um novo objeto, objeto que, no fundo, se distingue do velho objeto apenas na sua extensão. Continua sendo um objeto recortado no estritamente lingüístico e analisado exclusivamente em sua imanência”.

Nas palavras de Orlandi (2020), Harris consegue livrar a análise do texto do viés conteudista, mas para fazê-lo, reduz o texto a uma frase longa.

Isto é, caracteriza sua prática teórica no interior do que chamamos isomorfismo: estende o mesmo método de análise de unidades menores (morfemas, frases) para unidades maiores (texto) e procede a uma análise linguística do texto como o faz na instância da frase (ORLANDI, 2020, p.18).

Por isso, Mendes e Silva (2005, p.18) chega à conclusão de que a obra de Harris acaba por “torna-se limitada à Análise do Discurso porque não foi capaz de refletir sobre a significação e as considerações sociohistóricas”.

De qualquer forma, a expressão *discourse analysis*, criada por Harris nos anos 50, sofreu apropriação de vários pensadores que, apesar das diferentes abordagens, parece ter um entendimento em comum: “na análise do discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (ORLANDI, 2020, p.15); logo, leva-se em conta as condições sociohistóricas de produções dos enunciados.

Parece haver um consenso entre os estudiosos da Linguística de que a França do final dos anos 1960 foi definitiva para o estabelecimento da AD. Um grupo de intelectu-

ais, tendo o filósofo francês Michel Pêcheux (1938-1983) como centro, desenvolveu o projeto de uma teoria do discurso. Assim, entre os pioneiros da AD de corrente francesa estavam: Denise Maldidier, Régine Robin, Claudine Normand, Jacques Guilhaumou, Paul Henry, Jean-Jacques Courtine, Michel Plon, Françoise Gadet, Élisabeth Roudinesco, Jacqueline Authier-Revuz, Jacques Guilhaumou, entre outros.

A construção teórica da AD de linha pecheutiana, iniciada na década de 1960 e que tem seu apogeu na França na década de 1980, é marcada por deslocamentos. Conforme ensinam Fernandes e Sá (2021), o próprio Pêcheux em um texto sintetiza essas mudanças em três épocas, que refletem as revisões teóricas e mudanças em seu pensamento. “Essas três épocas não se definem precisamente por uma divisão cronológica, elas refletem essencialmente a elaboração e reelaboração dos conceitos que constituem o aparato teórico desse campo do saber” (Fernandes; Sá, 2021, p.111). Não especificarei cada uma dessas três fases, mas descreverei as características do contexto (epistemológico e sociopolítico) na emergência da AD na França.

Segundo Gregolin (2005) anterior a década de 1960 algumas tendências dentro das teorias da linguística entraram em embate, se estabelecendo “com” ou “contra” Saussure. Entretanto, destaca a autora, no início dos anos 1960, com Pêcheux e seu grupo, ganha força uma nova corrente, que se constituiu pela releitura de Marx (feita por Louis Althusser), de Freud (feita por Jacques Lacan) e de Saussure (feita por Michel Pêcheux).

A Análise do Discurso francesa surge nesse contexto, como disciplina transversal fortemente marcada por essa conjuntura epistemológica. (...) Ocorre, nesse período (que vai de 1960 a 1975) uma reestruturação glo-

bal de rede de afinidades disciplinares em torno da Linguística. Essa reestruturação foi obra do estruturalismo, que marcou o fim da hegemonia filosófica da fenomenologia e do existencialismo, com o aparecimento da antropologia estrutural, a renovação da epistemologia e da história das ciências, a psicanálise antipsicologista, novas formas de experimentação na escrita literária, a retomada da teoria marxista. Quando as três teorias se encontraram (psicanalítica, marxista, linguística/antropológica), criou-se um efeito subversivo, que trazia a promessa de uma revolução cultural (GREGOLIN, 2005, p.103).

Por outro lado, o próprio contexto sociopolítico afetou a epistemologia, tornando as teorias lugares de intervenção ideológica. Mas, pode-se perguntar: e qual era o contexto sociopolítico? As pesquisas indicam que toda essa nova forma de pensar está atrelada ao movimento Maio de 68, que se refere a um conjunto de eventos ocorridos na década de 60.

De modo geral, jovens de diversos países, “influenciados pelo movimento estudantil francês e com motivações variadas, resolveram questionar as estruturas sociais em que viviam” (IGNACIO, 2019, p.1). Porém, a história do maio de 68 não pode ser compreendida sem situar um contexto histórico anterior: no auge da ascensão fascista europeia dos anos 1930, assistiu-se no contexto francês uma coligação de partidos políticos de esquerda.

Essa época é marcada pelos grandes comícios populares, onde se tornam centrais interrogações sobre questões de cultura popular e proletária, de direitos dos trabalhadores (férias e folgas pagas, férias escolares, etc.) e de direito ao lazer. É a época ainda do nascimento de uma cultura da greve (...). Reivindicase o exercício do lazer ativo, fazem-se greves festivas. (...) Com o papel de um pivô importante, o PCF [Partido Comunista Francês] transmite temas oriundos diretamente dos ideais soviéticos, e a mobilização nasce de um entrecruzamento entre intelectuais, artistas e

operários de esquerda, sob os lemas de uma “nova política cultural” ligada a uma “frente unida antifascista” (MIGUEL, 2018, p.933-934).

A Segunda Guerra Mundial, iniciada em 1939, interrompe esse processo, marcando um retorno à ordem. Nesse segmento, até chegar em maio de 68, foram ocorrendo uma série de eventos no mundo, culminando em um desejo de contracultura: o final da Segunda Guerra Mundial (em 1945) criou um sentimento de otimismo e esperança; Rosa Parks, em 1955, recusa-se a ceder o seu lugar no ônibus a um homem branco, tornando-se o estopim do movimento da luta antissegregacionista; Elvis Presley explode em 1956 e com ele novos comportamentos (nessa mesma esteira, posteriormente, vem Beatles, Rolling Stones e Bob Dylan); surge o movimento beat em meados de 1959 com um conjunto de manifestações artísticas de resistência; o movimento feminista entra em sua segunda onda em 1960, com pautas relacionadas ao da discriminação e a completa igualdade entre os gêneros.

Outros fatores são descritos por Tony Judt. Segundo este historiador britânico, em meados dos anos 60, “o impacto social da explosão demográfica ocorrida no pós-guerra era sentido por toda parte. A Europa parecia estar lotada de jovens” (JUDT, 2007, p.1). Desse modo, o contingente estudantil era mais elevado do que nunca e tudo vivia lotado: bibliotecas, salas de aula, refeitórios, etc.

O que resultou no maio de 68 teve início no outono de 1967, em Nanterre (...) os alojamentos estudantis daquela área abrigavam uma população flutuante de estudantes (...) A administração do campus de Nanterre fazia vista grossa, para evitar maiores problemas (...). Mas, em janeiro de 1968 (...) ameaçou tomar medidas disciplinares contra um aluno (...) que havia insultado um ministro que os visitava. Outras reclamações foram feitas e,

em 22 de março, depois que estudantes atacaram o prédio da American Express, no centro de Paris, e foram parar na cadeia (...). Duas semanas mais tarde, o campus de Nanterre foi fechado, após novos confrontos entre os alunos e a polícia, e o tal movimento (...) foi deslocado (...) para Sorbonne, no centro de Paris. (...) A ocupação estudantil da Sorbonne, as barricadas nas ruas e a luta contra a polícia (...) foram comandadas por representantes da Juventude Comunista Revolucionária (...), por membros de diretórios estudantis e de sindicatos de jovens docentes. (JUDT, 2007, p.1).

Segundo Marlon Miguel, quem estudou e trabalhou na Université Paris 8, enquanto ocorria esse movimento dos alunos, quase ao mesmo tempo, o movimento operário invadiu usinas e desencadeou a greve geral mais longa da história do país. Sendo assim, os movimentos (estudantil e operário) constituem os dois grandes eixos do maio de 68 parisiense, tendo como plano de fundo a recusa do governo autoritário do então presidente Charles de Gaulle e o “questionamento do ensino e da pedagogia vigentes, a problematização dos costumes tão rígidos e fechados, o autoritarismo generalizado” (MIGUEL, 2018, p.936).

Os contextos, epistemológico e sociopolítico, permitem entender o que disse Jean-Jacques Courtine numa entrevista: “Os fundadores da AD eram gente de esquerda, marxistas além do mais, militantes comunistas na maioria, não é possível omitir isso. Era o caso de Pêcheux e de todos aqueles que lhe eram próximos” (NUGARA, 2010, p. 2).

Todavia, cabe lembrar que não só Pêcheux está na emergência da AD francesa, Michel Foucault também. E, apesar de ter sido filiado ao PCF, Foucault se distancia drasticamente do marxismo.

No início de tudo, em 1969, dois livros defendem procedimentos analíticos de como se fazer AD: Análise Automática do Discurso, de Pêcheux, e Arqueologia do

Saber, de Foucault. Entre eles grandes diferenças podem ser percebidas - Pêcheux está pensando em ideologia, Foucault em epistemes; Pêcheux fala de condições de produção, Foucault fala de condições de existência; Pêcheux trabalha com sequência linguística, Foucault com série enunciativa; Pêcheux entende o sujeito do enunciado como assujeitado, Foucault entende o sujeito do enunciado como um lugar determinado e vazio que pode ser ocupado por indivíduos diferentes.

O Círculo de Bakhtin desenvolveu-se em outra conjuntura, como veremos mais a frente.

Como a AD chegou ao Brasil?

Os primeiros passos da AD no Brasil foram dados pelo dramaturgo Carlos Henrique de Escobar Fagundes, quem foi professor assistente de 1969 a 1976 na Escola de Comunicação da UFRJ de disciplinas como Fundamentos Linguísticos e Epistemologia da Comunicação. Em entrevista, este pesquisador, conta que durante o regime militar (1964-1985), ensinava “Pêcheux e Althusser” (ROSA, 2019, p. 204).

Gregolin (2007) confirma a contribuição pioneira da Escobar Fagundes para a AD no Brasil. Segundo a professora, livre docente em AD,

Entre 1966 e 1974 – e, portanto, durante o período da ditadura militar brasileira – Carlos Henrique de Escobar, junto com um grupo de intelectuais da esquerda militante brasileira, escreveu insistentemente pela instauração do debate das ideias althusserianas. Essa defesa tinha como objetivo esboçar um programa teórico que, assentado na leitura de Althusser-Herbert-Pêcheux, delineava uma proposta de “análise do discurso” no Brasil (GREGOLIN, 200, p.32).

De acordo com Kogawa (2012), dentre os intelectuais que participavam das discus-

sões com Escobar Fagundes estavam Aluísio Ramos Trinta, Eduardo Mattos Portella, Emmanuel Carneiro Leão, José Paulo Moreira da Fonseca e Sérgio Paulo Rouanet.

Conforme indícios deixados por Gregolin em entrevista, a AD só consegue se firmar no Brasil no final da década de 1970, quando o país começou a ter certa abertura política. Gregolin, assim diz:

Eu participei do primeiro momento, que foi a chegada da AD no Brasil, quando fiz cursos com a professora Eni Orlandi na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Ela na verdade foi a pessoa que mostrou para nós a existência dessa linha de pesquisa num primeiro curso que ministrou no Brasil em 1978/1979 (OLIVEIRA et al, 2018, p. 201).

Em outro trecho da entrevista, a professora informa:

Ela [a AD] chega trazendo fortemente as questões políticas para o campo das Letras e, aqui no Brasil, vai se instituir dentro do campo dos Estudos da Linguagem. Na França não, na França a AD não era feita por linguistas, era feita por filósofos, historiadores. Aqui no Brasil, então, já vai ter essa diferença, porque ela vai começar no campo das Letras e vai ser muito problemática a sua relação com as outras áreas da Linguística (OLIVEIRA et al, 2018, p. 202-203).

Em outra entrevista, Gregolin traz mais um nome importante:

Ao mesmo tempo, nessa mesma época dos anos 1980, eu cursei duas disciplinas fundamentais oferecidas pelo programa de pós-graduação em Linguística da Unicamp, sobre “análise do discurso”: a primeira, oferecida pelo professor Haquira Osakabe e a segunda pela professora Eni Orlandi. (...) Em sua disciplina, Osakabe (...) nos indicou muitas leituras sobre Análise do Discurso francesa e Retórica. A segunda disciplina, ministrada pela professora Eni Orlandi, plantava as bases da análise de discurso pecheutiana no Brasil,

discutindo centralmente as balizas marxistas (ou, mais precisamente, marxistas-althusserianas) das propostas de Michel Pêcheux (NÁVARRO; SARGENTINI, 2022, p.22).

Em entrevista, Antonio Alcir Bernárdez Pécora, professor livre-docente da Unicamp, discípulo de Osakabe, confirma a contribuição de Osakabe para a AD: “Em março de 1975, me tornei monitor de sua disciplina de Análise do Discurso, o que se repetiu durante os quatro semestres seguintes” (SUGIMOTO, 2013, p.1).

Esses três professores (Carlos Henrique de Escobar Fagundes, Eni Orlandi e Haquira Osakabe) foram os principais responsáveis pelo início da disseminação da AD no Brasil.

AD em perspectiva de Michel Foucault

Michel Foucault, diferentemente de Michel Pêcheux, nunca propôs uma área do conhecimento denominada AD. Quando se fala em AD em perspectiva foucaultiana toma-se como base o livro *Arqueologia do Saber*, no qual Foucault explica os procedimentos analíticos utilizados em seus livros anteriores: *A história da loucura na Idade Clássica* (1961), *O nascimento da clínica* (1963) e *As palavras e as coisas* (1966).

Embora estivesse trabalhando com a AD, uma AD bem diferente da teorizada por Pêcheux, a expressão Análise do Discurso só foi efetivamente utilizado por Foucault em 1973, quando o filósofo esteve no Brasil para proferir conferências na PUC-RJ, que mais tarde foram transcritas e transformadas no livro *A verdade e as formas jurídicas*. Nesta ocasião, ao falar dos três temas de suas pesquisas, ele enuncia que o primeiro eixo refere-se à pesquisa histórica: “Em primeiro lugar, uma pesquisa propriamente histórica, ou seja: como se puderam formar domínios de saber a partir de práticas sociais?” (FOUCAULT, 2002, p.7). O segundo eixo é “um eixo

metodológico, que poderíamos chamar de análise dos discursos” (Foucault, 2002, p.9). O terceiro eixo consiste em uma reelaboração da teoria do sujeito.

Seria interessante tentar ver como se dá, através da história, a constituição de um sujeito que não é dado definitivamente, que não é aquilo a partir do que a verdade se dá na história, mas de um sujeito que se constitui no interior mesmo da história, e que é a cada instante fundado e refundado pela história (FOUCAULT, 2002, p. 10).

Com base na *Arqueologia do Saber*, mas também na leitura de todos os livros de Foucault, identificando cada passo teórico-metodológico dado, Maria do Rosário Gregolin (docente aposentada, colaboradora do Departamento de Lingüística, da UNESP-Araraquara) introduziu a vertente foucaultiana da AD no Brasil. Porém, a iniciativa não foi fruto de uma simples epifania: um fato importantíssimo sobre a constituição dos estudos discursivos foucaultianos no Brasil é a leitura que Gregolin faz de Jean-Jacques Courtine em 1981.

Gregolin nesse período estava cursando o doutorado e frequentava a biblioteca da Unesp. Não havia computador, o trato era diretamente com os acervos. Nessa jornada, a professora encontrou coleções da revista francesa *Linguagens*, na qual havia sido publicadas informações sobre Courtine.

O trabalho de Courtine interroga a história das práticas comunistas por meio da análise da heterogeneidade constitutiva de sua discursividade. Essa abordagem é possibilitada pela apreensão das ideias de Foucault, principalmente do seu conceito de “formação discursiva” (...). A partir dessa releitura que Courtine faz da *Arqueologia do saber* os estudos franceses encaminham-se para a abordagem da alteridade, da heterogeneidade, das diferentes materialidades do discurso. Essa contribuição nos é apresentada no segun-

do movimento, denominado “Jean-Jacques Courtine: o percurso de um agrimensor”, que desvela ao leitor a importância desse estudioso francês para as transformações nos dispositivos da análise de discurso. Os trabalhos de Jean-Jacques Courtine promoveram vários deslocamentos teórico-metodológicos: desde a clássica publicação do estudo sobre o discurso comunista endereçado aos cristãos (Langages 62, em 1981), em que redefine criticamente os métodos e procedimentos analíticos a partir de um novo conceito de formação discursiva, seu pensamento não parou de produzir transformações no campo (GREGOLIN, 2015, p.14).

Jean-Jacques Courtine, quem fez parte do grupo de Pêcheux, é professor na Sorbonne (Universidade de Paris III), uma das universidades mais antigas e prestigiadas do mundo e já ocupou cargos como professor de Estudos Culturais na University of Southern California. É autor de vários livros, dentre eles: História das emoções, História da virilidade e Decifrar o Corpo: Pensar com Foucault.

é um dos principais críticos e continuadores da análise do discurso feita na França enquanto Pêcheux ainda produzia, e também após sua morte. (...) A partir de meados dos anos 1990, Courtine afasta-se, em alguma medida, do lugar institucional atribuído à análise do discurso na França, pelo fato de discordar de alguns trabalhos (MAZZOLA, 2015, p. 97-98).

Gregolin diz ter acendido algumas luzes para ela a partir das leituras da revista Langages:

Primeira luz: pela primeira vez, eu lia um texto de Michel Pêcheux em que ele parecia não ter só certezas (talvez eu tenha me enganado nas minhas leituras anteriores, mas ele parecia sempre tão certo daquilo que afirmava...) em relação aos trabalhos da AD francesa (...). Segunda e tão importante quanto a primeira luz: Courtine trazia as propostas de Michel Foucault para o centro da AD francesa. Era

a partir dele e da Arqueologia do Saber que Courtine discutia o conceito de enunciado, de formação discursiva, de memória discursiva... e abria para mim a possibilidade de pensar em uma “análise do discurso” com Michel Foucault. Entretanto, era apenas um vislumbre, minhas leituras de Foucault e de Pêcheux eram ainda incipientes. (...) Foi preciso caminhar muito, depois do doutorado, para que algo começasse realmente a fazer sentido. Foram inúmeras leituras, durante a década de 1990 até chegar o momento de desconstruí-las para reorganizá-las. (...) Foi assim, (...) que, no final dos anos 1990, iniciou-se a constituição do Grupo de Estudos em Análise do Discurso de Araraquara, o GEADA-UNESP, coordenado por mim e constituído por meus orientandos formais e informais (NAVARRO; SARGENTINI, 2022, p.22).

Em outro trecho desta entrevista, ela completa:

E aí foi uma construção compartilhada entre os pesquisadores que participaram do GEADA e produziram seus trabalhos de tese em que a presença de Foucault se tornava cada vez mais proeminente. Com isso, foram explicitadas várias questões: a descrição arqueológica, as articulações do discurso com a História, as relações entre saberes e poderes na análise de objetos discursivos heterogêneos (o literário, o jurídico, o midiático etc.). E, além disso, após o doutorado, os pesquisadores do GEADA - que eram professores em universidades de vários lugares do Brasil - voltaram para suas instituições e criaram uma rede de outros grupos de pesquisa. Foram e são muitos esses grupos, instalados em praticamente todas as regiões brasileiras e que construíram com seus trabalhos o campo da análise de discurso com Michel Foucault (NAVARRO; SARGENTINI, 2022, p.28).

Enfim, os trabalhos de Jean-Jacques Courtine serviram de condições de possibilidades para que Gregolin desenvolvesse no Brasil uma escola de estudos discursivos foucaultianos. Além disso, diversos pesquisadores que fizeram, e ainda fazem parte

de seu círculo, ajudaram a desenvolver os pressupostos teóricos do que denomina-se de Arqueogenealogia. Dentre estes, estão: Vanice Sargentini, Regina Baracuhy, Pedro Navarro, Nílton Milanez, Cleudemar Fernandes, Antônio Fernandes Júnior, Carlos Piovezani, Luzmara Curcino, Ivânvia Neves, Denise Witzel, João Kogawa, Amanda Braga e Israel de Sá, Francisco Vieira da Silva, dentre tantos outros.

AD em perspectiva do Círculo de Bakhtin

Como dito no início do texto, existe grande polêmica sobre quem é o verdadeiro autor de determinados livros escritos pelos integrantes do Círculo de Bakhtin. Contudo, uma coisa é certa, só três dos intelectuais recebem crédito de autoria: Pável Medviédev, Valentin Voloshinov e Mikhail Bakhtin.

Pável Nikoláievitch Medviédev foi teórico e historiador da literatura, crítico literário, professor da Universidade de Leningrado. Medviédev recebe o crédito de ser o autor de *O Método Formal nos Estudos Literários*, publicado em 1928. Silva e Puzzo (2014) em resumo e análise do livro, chamam atenção para o fato de que, na ADD, quando se fala do arcabouço teórico elaborado pelo Círculo, é necessário saber que esse arcabouço foi elaborado pelo conjunto dos intelectuais. Assim sendo, o conceito de gêneros do discurso³ trabalhado por Bakhtin no ensaio *Os gêneros do discurso*, da década de 1950, presente na coletânea *Estética da criação verbal*, já havia sido rascunhada por Medviédev em *O Método Formal nos Estu-*

3 Para Círculo de Bakhtin, os gêneros do discurso “resultam em formas-padrão ‘relativamente estáveis’ de um enunciado, determinadas sócio-historicamente. O autor refere que só nos comunicamos, falamos e escrevemos, através de gêneros do discurso. Os sujeitos têm um infindável repertório de gêneros e, muitas vezes, nem se dão conta disso. Até na conversa mais informal, o discurso é moldado pelo gênero em uso” (SIGNOR, 2008, p.1).

dos Literários.

Valentin Nikoláievitch Volóchinov foi um filósofo, músico, linguista e crítico literário. Lecionou no ILIAZV (Instituto da História Comparada das Literaturas e Línguas do Ocidente e Oriente), em Leningrado. A ele passou a ser atribuída nos últimos anos a autoria de *Marxismo e filosofia da linguagem*, de 1929, onde aparecem a noção de dialogismo/signo ideológico⁴.

Grillo e Américo (2017) tecem informações importantes sobre este autor. As pesquisadoras, que foram em 1995 para Moscou estudar os arquivos de Volóchinov, voltaram em 2016 à Rússia e à Filial de São Petersburgo do Arquivo da Academia Russa de Ciências, onde consultaram os documentos do ILIAZV. Nos arquivos, foram encontrados uma série de relatórios nos quais Volóchinov faz diversas anotações. Neles foi possível identificar um modo de trabalho: Volóchinov primeiramente publicava um extenso artigo em revista, para depois ser expandido em um livro com a mesma temática. Os planejamentos, de forma geral, indicam que as ideias compartilhadas no Círculo proporcionou que Volóchinov, Bakhtin e Medviédev se beneficiassem de teorias em obras posteriormente publicadas.

Mikhail Mikhailovich Bakhtin foi um filósofo, o membro do Círculo mais conhecido e reverenciado. Dentre as obras publicadas em seu nome estão: *Cultura Popular na Idade Média: o contexto de François Rabelais* (de 1941), onde aparecem as noções de dialogismo e carnavalização⁵, e *Estética*

4 O dialogismo (relações dialógicas) é uma noção complexa desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin. Podemos compreendê-la como a base da interação social, descrevendo-o, mais ou menos assim: todo texto se situa num encontro de vários textos dos quais ele é tanto releitura, quanto uma resposta. Assim, o sujeito, ao se deparar com outros enunciados, interage com os discursos num ato responsivo, concordando ou discordando.

5 “Na concepção de Bakhtin a carnavalização não é um esquema externo e estático que se sobrepõe a

da Criação Verbal, obra póstuma (de 1979), na qual aparecem reflexões sobre os gêneros discursivos e sobre o enunciado⁶.

De acordo com Alessandro (2022), Bakhtin pertenceu a uma família nobre que valorizava muito a educação, por isso, desde criança, recebeu um bom ensino. Em 1918, o filósofo da linguagem se forma no curso superior pela Faculdade Filológico-Histórica, “período das muitas guerras civis e revoluções russas” (ALESSANDRO, 2022, p.1). Como Bakhtin não estava envolvido diretamente⁷, mudou-se para Nevel. Lá foi professor de uma escola secundária e enredou-se com a primeira formação Círculo, que já contava com a presença de Volóchinov e Matvei Kagan (o líder). Depois mudou-se para Vitebsk e, por fim, para Leningrado.

As reuniões cessariam com o crescimento da repressão por parte do governo russo aos movimentos suspeitos. Embora a obra dos membros do grupo, em geral, não suscitasse desconfiança, Bakhtin foi condenado ao exílio por envolvimento em grupos de discussão suspeitos, como era o caso de três grupos de discussão de filosofia da religião que ele possivelmente se envolvera (...). Ao ser exila-

um conteúdo acabado, mas uma forma flexível de visão artística, uma espécie de princípio holístico que permite descobrir o novo e o inédito. O carnaval na concepção do autor é o locus privilegiado da inversão, onde os marginalizados apropriam-se do centro simbólico, numa espécie de explosão de alteridade, onde se privilegia o marginal, o periférico, o excludente. O espetáculo carnavalesco – sem atores, sem palco, sem diretor - derruba as barreiras hierárquicas, sociais, ideológicas, de idade e de sexo. Representa a liberdade, o extravasamento; é um mundo às avessas no qual se abolem todas as abscissas entre os homens para substituí-las por uma atitude carnavalesca especial: um contato livre e familiar entre os homens” (SOERENSEN, 2011, p.320).

6 O enunciado dentro da concepção do Círculo de Bakhtin é atrelado à noção de enunciação. Diz respeito ao processo interativo da situação da comunicação, mas envolve outros elementos, como o diálogo.

7 “Tal posição de neutralidade política seria um traço marcante em toda a vida do pensador” (ORNELLAS, 2010, p.1).

do em 1930, Bakhtin é acusado de corromper os jovens, e não pelo que ele escreveu (ALESSANDRO, 2022, p.1).

Alessandro (2022) chama atenção para o fato de que, apesar da condenação de Bakhtin estar relacionada com questões religiosas, os estudiosos do Círculo de Bakhtin no Brasil pouco falam a esse respeito. No entendimento deste autor, Bakhtin fazia parte de uma intelligentsia religiosa, isto é, um sentimento que pairava sobre os intelectuais russos contemporâneos de Bakhtin, que se baseava em relacionar a teologia com diferentes disciplinas, o que indica que os movimentos nos quais Bakhtin estava envolvido “não somente não viam oposição entre religião e ciência, ou religião e revolução, como pelo contrário, tinham a religião em altíssima estima” (ALESSANDRO, 2022, p.1).

Bakhtin teve que ficar em exílio no Cazaquistão de 1930 a 1945.

Em agosto de 1934 terminou o exílio de Bakhtin, mas ele continuou em Kustanai (...) não era permitida a residência de condenados ou ex-condenados políticos em cidades como Leningrado ou Moscou. (...) Após o término da Guerra, a Rússia ficou em estado de destruição, mas para Bakhtin, finalmente, acontece uma reviravolta em sua carreira. Ele defende sua tese. (...) Seu nome tornou-se mais conhecido e ele transformou-se num professor bastante popular. Com a morte de Stalin, em 1953(...) Muitos erros cometidos durante o regime stalinista são reparados. (...) O pós-stalinismo trouxe para Bakhtin, enfim, o reconhecimento com o cargo de chefe do Departamento de Russo e Literatura estrangeira (...). Não fosse o agravamento de sua saúde e da saúde de sua esposa, Bakhtin não teria mudado para Moscou em busca de tratamento médico. (...) Em 1971, sua esposa faleceu. No ano seguinte, ele perde a mobilidade (...). (...) Bakhtin passou seus últimos anos em uma cama, dedicando seu tempo à revisão de tudo que escreveu (ORNELLAS, 2010, p.1).

De acordo com Orlellas (2010), o precursor das idéias de Bakhtin no Brasil foi Boris Solomonovitch Schnaiderman, um tradutor, escritor e ensaísta de origem ucraniana, e brasileiro naturalizado. Schnaiderman, mesmo sem ter estudado formalmente Letras, foi escolhido para iniciar o curso de Língua e Literatura Russa da USP, em 1960, instituição onde permaneceu até sua aposentadoria, em 1979, e pela qual recebeu o título de Professor Emérito em 2001.

Orlellas (2010) divulga uma lista de professores que utilizaram referências bibliográficas do Círculo de Leningrado entre os anos de 1971 a 1984, tendo como o pioneiro, justamente, Schnaiderman.

Ainda assim, estudar e divulgar a teoria do Círculo não constitui uma proposta discursiva de análise. No texto *Círculo de Bakhtin: uma Análise Dialógica de Discurso*, Paula (2013) elucida diversas questões sobre esse tema. Explica, por exemplo, que ninguém pode afirmar que o Círculo de Bakhtin propôs uma análise do discurso, mas que o pensamento dos intelectuais que compunham o grupo representa uma base sólida para os estudos discursivos. Por esta razão, Paula (2013) entende que o conjunto das obras do Círculo motivou o nascimento de uma análise dialógica do discurso.

A leitura de Paula (2013) leva-nos à compreensão de que no início do capítulo O discurso em Dostoiévski do livro *Problemas Da Poética de Dostoiévski*, de 1929, é possível encontrar uma explicação para isso.

Intitulamos este capítulo “O discurso em Dostoiévski” porque temos em vista o discurso (...) e não a língua (...). Por esse motivo as nossas análises subsequentes não são linguísticas no sentido rigoroso do termo. Podem ser situadas na metalinguagem, subentendo-a como um estudo – ainda não constituído em disciplinas particulares definidas – daqueles aspectos da vida do discurso que ultrapassam –

de modo absolutamente legítimo – os limites da linguística. As pesquisas metalinguísticas, evidentemente, não podem ignorar a linguística (...) (BAKHTIN, 1981, p. 181).

O termo metalinguagem, tomado como a abertura para uma possibilidade de estudo ainda não sistematizado, possibilitou o entendimento de uma análise dialógica do discurso.

Conforme Franco et al (2019, p.277), a teoria do Círculo de Bakhtin é lida em diversas áreas e em diversos países, mas que é no Brasil, mais especificamente, com Beth Brait⁸ que surge a denominação *Análise Dialógica do Discurso*.

Para a ADD a linguagem sustenta-se na comunicação dialógica daqueles que a usam. “Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas” (BAKHTIN, 1981, p. 182).

As leituras sobre a ADD indicam o protagonismo de algumas pesquisadoras, são elas: Beth Brait, Luciane de Paula, Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. E, como destaca Fiorin (2017a, p.170), Carlos Alberto Faraco é considerado “um dos maiores especialistas brasileiros na obra de Mikhail Bakhtin”. Além disso, chama atenção a produção e disseminação da análise dialógica do discurso feita por Grenissa Bonvino Stafuzza.

Como a ADD foi recebida por um arqueogenealogista?

Na posição de arqueogenealogista, num primeiro momento, o que mais chamou atenção foi como as reflexões dos integrantes do Círculo de Bakhtin, por volta da década de 1920 na Rússia, aproximam-se do

⁸ Professora aposentada da Universidade de São Paulo.

raciocínio de dois intelectuais franceses nos anos 60. É normal haver essas aproximações entre Michel Foucault e Michel Pêcheux, afinal de contas, eram contemporâneos, tendo inclusive estudado na mesma instituição.

Foucault nunca citou Mikhail Bakhtin ou seus companheiros, o que não é estranho, já que ele também nunca citou Pêcheux. De outro lado, Pêcheux que só passou a mencionar Foucault na segunda fase da AD por ele desenvolvida, cita o pensamento do Círculo de Bakhtin apenas no terceiro momento, já próximo dos anos 809.

Dentro dos estudos discursos no Brasil, seja de perspectiva do Círculo, seja na perspectiva de Foucault, há o entendimento de que a língua tem significação, que é o significado das palavras e expressões no sistema da língua, “enquanto o discurso cria sentido, ou seja, faz as palavras e expressões da língua irem além dos significados registrados no dicionário” (SOBRAL e GIACOMELLI, 2022, p. 1078). Assim, na AD não se pode entender o discurso sem a língua, mas também não se pode entender o discurso, sem levar em conta que a produção do enunciado (materialidade do discurso) vai além da língua.

Sobre isso, a ADD trabalha a diferença entre significação e tema.

As frases, assim, têm significação, o que tem a ver com as partes repetíveis da língua (o sistema), que é uma das bases dos enunciados. Os enunciados, por sua vez, têm aquilo que a ADD chama de tema. A significação das palavras é mobilizada nos enunciados para produzir o tema dos enunciados. O tema se refere ao enunciado como um todo e não a partes dele. Assim, se uma pessoa diz a outra “Vá para o inferno!”, podemos entender a frase como frase de alguém que diz “Vá para

o inferno!” a outra. Nesse caso, entendemos a frase, mas não podemos entender o tema só com isso. Há mais coisas envolvidas. Só podemos entender o tema se soubermos como a pessoa disse “Vá para o inferno!”: como ofensa a alguém ou como brincadeira com alguém; se irritada com seu chefe e se demitindo; se ela simplesmente exclamou isso por se espantar com algo que lhe contaram; etc. Temos de saber onde, quando, quem, como e a quem algo foi dito para entender o que foi dito, ou seja, para além da frase simplesmente. A frase é da língua, e o enunciado é do discurso, sendo, portanto, mais do que frase. Logo, discurso envolve interação e não somente língua (SOBRAL e GIACOMELLI, 2022, p. 1080).

Os arqueogenealogistas trabalham essas questões a partir da noção de função enunciativa¹⁰.

O dialogismo, talvez o conceito mais caro do Círculo de Bakhtin, envolve duas dimensões. Conforme ensina Fiorin (2018, p.27), na primeira, o dialogismo resulta do entendimento de que todo enunciado constitui-se a partir de outro enunciado, é uma réplica. “Mesmo que elas não se manifestem no fio do discurso, elas estão aí presentes”. Na segunda dimensão, o dialogismo é en-

10 Conforme descrito em A arqueologia do Saber, o enunciado não é uma estrutura: “é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos” (FOUCAULT, 2008, p.98). É essa função que é preciso descrever quando se faz uma análise discursiva a partir de uma perspectiva foucaultina. De acordo com Foucault (2008), quatro são os elementos da função enunciativa: 1) referencial - “forma o lugar, a condição, o campo de emergência” (FOUCAULT, 2008, p.103), definindo as possibilidades de sentido; 2) sujeito - “um lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes” (FOUCAULT, 2008, p.107), a depender do mundo exterior, dos marcos históricos e espaciais; 3) domínio associado - “qualquer enunciado se encontra assim especificado: não há enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo” (FOUCAULT, 2008, p.112); 4) suporte material - “um suporte, um lugar e uma data” (FOUCAULT, 2008, p.114).

9 Não estou a sugerir que houve apropriação de ideias ou algo do tipo, mas sim que contextos diferentes não foram entraves para formas similares de entendimento do discurso. Por outro lado, com o aprofundamento da noção de dialogismo, passei acreditar que todos estão, inevitavelmente, numa situação de limbo, no que diz respeito à questão de autoria.

tendido com a incorporação pelo enunciador das vozes sociais no enunciado. Nesse sentido, há duas formas de inserir o discurso do outro no enunciado: 1) de forma a deixar reconhecer a influência alheia, como nos casos do discurso direto, discurso indireto e da utilização de aspas; 2) de forma a fixar-se num entrelugar, como acontece no caso da paródia e da estilização.

A noção de dialogismo ajuda muito na compreensão de como as relações dialógicas constituem os sentidos. Foucault não fala em dialogismo, mas aproxima-se de seu entendimento por meio da função enunciativa.

Outro fundamento que aproxima as duas vertentes é a de que os discursos relacionam-se com a questão espaço-temporal. A ADD aborda esse assunto dentro da ideia de cronotopo¹¹. A AD foucaultiana aborda isso a partir da função enunciativa.

Um ponto de distanciamento entre a ADD e a AD com Foucault é o entendimento do sujeito. Os arqueogenealogistas pensam o sujeito como resultado dos processos de subjetivação. A ADD entende o sujeito num entrelugar (social e individual) e trabalha com o princípio de interlocutores, isto é, as pessoas que participam do processo de interação num determinado contexto.

Outra premissa do Círculo de Bakhtin trabalhada pela ADD é dimensão axiológica/valorativa do discurso: "Os enunciados, que materializam os discursos, apresentam sempre uma dimensão avaliativa e expressam um posicionamento social" (Pereira; Rodrigues, 2014, p. 181). Nesse sentido, para a ADD o enunciado é sempre ideológico, não somente porque emergem em esferas de ideologias, mas também porque sempre expressam uma posição avaliativa.

Com isso, percebemos que a valoração não

apenas é compreendida e considerada sob a perspectiva da situação imediata das práticas discursivas, como pelas conjecturas sócio-histórico-culturais constitutivas desse contexto. O conceito de valoração, portanto, tem papel importante nos estudos do Círculo, justamente porque, dentre outros conceitos, segue a compreensão do grupo de construir suas reflexões sob o ponto de vista histórico, cultural e social na procura de uma teoria enunciativo-discursiva da linguagem (PEREIRA e RODRIGUES, 2014, p. 192).

A AD feita a partir dos postulados de Michel Foucault esforça-se para evitar a noção de ideologia. Seguindo o tatear teórico-metodológico do filósofo, os arqueogenealogistas tratam dos posicionamentos por meio da concepção de formação discursiva:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva - evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e consequências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como "ciência", ou "ideologia", ou "teoria", ou "domínio de objetividade" (MICHEL FOUCAULT, 2008, p.43).

A AD foucaultiana também trabalha com a ideia de relações de poder-resistência. A ADD aplica teoria análoga, salva as devidas proporções, com os axiomas de forças centrípetas (que responde pela estabilidade) e forças centrífugas (a qual atua para possibilitar a mudança).

Sobre as aproximações metodológicas, percebe-se que as diferenças (ferramentas de análise) atravessam a forma de sistematizar a investigação, causando certo distanciamento entre as perspectivas. Por outro lado, de um modo geral, o trajeto de expo-

¹¹ Reporta-se à relação entre as categorias de espaço e tempo.

sição do enunciado, mais o batimento entre teoria, descrição e interpretação do objeto, é semelhante.

No que se refere à utilização da AD no contexto escolar, é surpreendente o quanto a ADD está avançada em relação a AD foucaultiana. Para além das questões dos gêneros discursivos, a ADD também está na base das práticas de letramento e da produção textual.

O cerne dessa concepção é pensar a escrita como um processo que apresenta etapas que vão desde o planejamento até a última versão de reescrita, considerando o caráter recursivo que a escrita possibilita. Trata-se de uma construção que se dá por meio da interação, numa prática colaborativa, em que o professor medeia a atividade, por meio dos comentários de revisão, aproximando-se mais de um coautor, leitor/revisor do que de um avaliador (MENEASSI e GASPAROTTO, 2019, p.113).

Essa concepção de trabalho com a escrita evidencia que o labor didático de composição textual deve, necessariamente, levar a uma prática pautada na revisão e na reescrita. Nesse sentido, a revisão difere da avaliação ou correção textual, pois seu objetivo é tomar o texto como provisório, “passível de reflexão, de reformulações, para, num trabalho colaborativo, chegar à versão que atenda ao objetivo comunicativo” (MENEASSI e GASPAROTTO, 2019, p.115).

Como desenredo, percebe-se que a Arqueogenealogia e a ADD articulam algumas aproximações teóricas, evidenciando que os estudos discursivos brasileiros podem e devem conversar, pois “a articulação de vizinhanças teóricas possibilita enfoques a partir de ângulos diversificados” (Gregolin, 2015, p.12).

Por fim, é importante observar que, apesar da multiplicidade de correntes de AD no Brasil, todas elas congregam um aspecto

em comum: encontram pesquisadores nacionais responsáveis por sua sistematização e difusão.

REFERÊNCIAS

ALESSANDRO. Quem foi Bakhtin (Mikhail Mikhailovich Bakhtin). São Paulo: UNIGRANRIO, 2022. Disponível em: < <https://www.daaula.net/2015/09/mikhail-mikhailovich-bakhtin.html>>. Acesso em: 26/11/2022.

BAKHTIN, Mikhail. Problemas da poética de Dostoiévski. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

Baldini, Lauro José Siqueira; Zoppi-Fontana, Mônica Graciela. A Análise Do Discurso no Brasil. São Paulo: Décalages, 2014.

Benveniste, Émile. Problemas de Linguística Geral. São Paulo: Ed. da USP, 1976.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique (Orgs.). Dicionário da Análise do Discurso. São Paulo: Contexto, 2002.

Faraco, Carlos Alberto. Zellig Harris: 50 anos depois. Revista Letras, Curitiba: Revista Letras, 2003.

FERNANDES, Cleudemar Alves. SÁ, Israel de. Análise do Discurso: reflexões introdutórias. São Paulo: Pontes Editora, 2021.

FIORIN, José Luiz. Introdução ao pensamento de Bakhtin. São Paulo: Contexto, 2018.

Fiorin, José Luiz. Resenha de História sociopolítica da língua portuguesa, Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Revista Bakhtiniana, 2017a.

FIORIN, José Luiz. Uma teoria da enunciação: Benveniste e Greimas. Niterói : Revista Graoatá, 2017b.

FLORES, Valdir do Nascimento; ENDRUWEIT, Magali Lopes. A noção de discurso na teoria enunciativa de Émile Benveniste. Pará: Revista Moara, 2012.

- Foucault, Michel. A verdade e as formas jurídicas. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.
- FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FRANCO, Neil; ACOSTA PEREIRA, Rodrigo; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. Por uma análise dialógica do discurso. In: GARCIA, Dantielli Assunção Garcia. De 1969 a 2019: um percurso da/na análise de discurso. Campinas: Pontes Editores, 2019.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. Apresentação. In: MAZZOLA, Renan Belmonte. O cânone visual: as belas-artes em discurso. São Paulo: Editora UNESP, 2015.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. Michel Pêcheux e a História Epistemológica da Linguística. Vitória da Conquista: Revista Estudos da Língua(gem), 2005.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. Tempos Brasileiros: percursos da análise do discurso nos desvãos da História do Brasil. In: FERNANDES, Cleudemar Alves; SANTOS, João Bôscio Cabral dos (org) Percursos da Análise do Discurso no Brasil. São Carlos: Claraluz, 2007.
- GRILLO, Sheila Vieira de Camargo; AMÉRICO, Ekaterina Vólkova. Valentin Nikoláievitch Volóchinov: detalhes da vida e da obra encontrados em arquivos. São Paulo: revista Alfa, 2017.
- IGNACIO, Julia. Maio de 1968: você sabe o que foi esse movimento social? Florianópolis: Politize, 2019.
- INDURSKY, Freda. O texto nos estudos da linguagem: especificidades e limites. In: ORLANDI, Eni; RODRIGUES, Suzy (Orgs.). Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade. Campinas: Pontes, 2006.
- JUDT, Tony. O espectro da revolução. São Paulo: Revista Piauí, 2007.
- Kogawa, João Marcos Mateus. Por uma arqueologia da análise do discurso no Brasil. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Araraquara: Universidade Estadual Paulista, 2012.
- MAZZOLA, Renan Belmonte. O cânone visual: as belas-artes em discurso. São Paulo: Editora UNESP, 2015.
- MEDVEDEV, Iuri Pavlovich; MEDVEDEVA, Daria Aleksandrovna; SHEPHERD, David. A polifonia do Círculo. São Paulo: Bakhtiniana, 2016.
- Mendes e Silva, Maria Alice Siqueira. Sobre a Análise do Discurso. São Paulo: Revista de Psicologia da UNESP, 2005.
- MENEGASSI, Renilson José; GASPAROTTO, Denise Moreira. Revisão dialógica: princípios teórico-metodológicos. Santa Cararina, Revista Linguagem em (Dis)curso, 2019.
- MIGUEL, Marlon. O maio de 68 francês: sentidos e recuperações. Rio de Janeiro: Revista Direito e Práxis, 2018.
- NAVARRO, Pedro. SARGENTINI, Vanice. Por uma Arqueogenealogia dos Estudos Discursivos Foucaultianos no Brasil -Cartografias:Entrevista com Maria do Rosario Gregolin. In: BUTTURI JUNIOR, Atilio. NAVARRO, Pedro. SARGENTINI, Vanice. (Orgs.) Por uma Análise Foucaultiana dos Discursos. Florianópolis: Revista da ANPOLL, 2022.
- NUGARA, Silvia. Entrevista com Jean-Jacques Courtine. Porto Alegre: Revista Organon, 2010.
- Oliveira, Pâmella Rochelle Rochanne Dias de; OLIVEIRA, Geilson Fernandes de Oliveira; Nogueira, Maria Adriana. Análise do discurso, Foucault e mídia: entrevista com Maria do Rosário Gregolin. Rio Grande do Norte: Revista Diálogo das Letras, 2018.
- Orlandi, Eni. A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org.). Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar.

São Carlos: Claraluz, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2020.

ORNELLAS, Clara Ávila. *Mikhail Bakhtin no Brasil: primeiras repercussões*. Revista Espéculo, 2010.

PAULA, Luciane de. *Círculo de Bakhtin: uma Análise Dialógica de Discurso*. Belo Horizonte: Revista Estudos da Língua(gem), 2013.

PAVEAU, Marie-Anne. *As grandes teorias da linguística: da gramática comparativa à pragmática*. São Carlos: Claraluz, 2006.

Pereira, Rodrigo Acosta. Brait, Beth. *A valoração em webnotícias direcionadas às mulheres*. Florianópolis, Revista Anpoll, 2020.

PEREIRA, Rodrigo Acosta; RODRIGUES Rosângela Hammes. *O conceito de valoração nos estudos do círculo de Bakhtin: a inter-relação entre ideologia e linguagem*. Santa Catarina: Revista Linguagem em (Dis)curso, 2014.

PIOVEZANI, Carlos. *Discurso*. In: Azevedo, Tânia Maris; Flores, Valdir do Nascimento. (Org.). *Estudos do discurso: conceitos fundamentais*. Petrópolis: Vozes, 2022.

Piovezani, Carlos. Soares, Thiago Barbosa. *Análise do Discurso: o que é e como se faz?* Palmas: Revista Humanidades e Inovação, 2021.

ROSA, Rodrigo Pereira da Silva. *Entrevista com Carlos Henrique de Escobar Fagundes*. Rio de Janeiro: Revista Policromias, 2019.

SIGNOR, Rita. *Os gêneros do discurso (resenha)*. Juiz de Fora: Revista Gatilho, 2008.

SILVA, Anderson Cristiano da. PUZZO, Miriam Baub. *Resenha de O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica de Pável Medviédev*. Rio de Janeiro: Gragoatá, 2014.

SOBRAL, ADAIL; GIACOMELLI, Karina. Obser-

vações didáticas sobre a análise dialógica do discurso. Uberlândia: Domínios de Linguagem, 2016.

SOERENSEN, Claudiana. *A carnavalização e o riso segundo Mikhail Bakhtin*. Paraná: Revista Travessias, 2011.

SUGIMOTO, Luiz. *O legado de Haqira Osakabe*. São Paulo: Jornal da Unicamp, 2013.

Submissão: junho de 2023.

Aceite: juho de 2023.